

## ORIENTE MÉDIO

## Em busca de repatriação

Brasileiros no Líbano cobram governo Lula por resgate. Ao **Correio**, eles relatam tensão em meio à escalada dos ataques na região e à falta de ações mais efetivas do Itamaraty para retirá-los do país

» JÚLIA PORTELA

Com a intensificação da violência no Líbano, alvo de bombardeios de Israel contra o Hezbollah, brasileiros que vivem no país pedem uma ação mais efetiva do governo de Luiz Inácio Lula da Silva para repatriar os cidadãos da região. O Itamaraty estuda possibilidades de resgate, mas não apresentou, até o momento, um plano concreto. O país abriga a maior comunidade brasileira no Oriente Médio, com 22 mil pessoas atualmente.

Só nesta semana, 700 pessoas morreram no Líbano em ataques enviados por Israel, sendo cinco brasileiros. O país bombardeia o território libanês para atingir o grupo extremista Hezbollah. No sábado, um ataque das Forças Israelenses matou o chefe do grupo, Sayyed Hassan Nasrallah. No mesmo dia, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, reuniu-se com o chanceler do Líbano, Abdallah Rashid Bou Habib, em Nova York, para discutir um plano de evacuação. No entanto, o Itamaraty afirmou ao **Correio** ontem que não há novidades, e que as orientações continuam sendo as mesmas para os brasileiros que estão no país.

A única orientação que os brasileiros receberam do governo brasileiro até o momento, no entanto, foi que deixassem o Líbano por meios próprios, além de evitar aglomerações e manifestações, bem como deslocamentos para a região sul do país, onde se concentra o conflito.

O comandante da FAB Marcelo Damasceno já declarou que a força aérea está preparada para atuar em uma possível evacuação. “Temos todos os planos sempre prontos”, disse à *CVN* ainda na terça-feira.

No ano passado, a operação “Voltando para a Paz” resgatou aproximadamente 1,5 mil brasileiros que estavam na Faixa de Gaza, região que sofreu diversos ataques israelenses durante a guerra com o Hamas.

Filha de libaneses, a brasileira Sara Ali Melhem, que estava no sul do país e agora se encontra perto da capital, Beirute, explicou à reportagem que o governo brasileiro ainda não prestou o apoio necessário. “As coisas não estão boas e não está melhorando, estão só piorando”, criticou. “Acho que eles só vão tirar a gente quando não sobrar mais nada, não sei”, enfatizou.

Segundo ela, o Itamaraty criou um grupo no WhatsApp, em que divulgaram, na última semana, um formulário para que os brasileiros interessados em deixar o país preenchessem com seus dados. “Por enquanto, é só isso. Uma vez ou outra, mandaram

Arquivo pessoal



Sara Melhem: “A única coisa que o governo faz desde outubro passado é pedir para preencher formulário”

Arquivo pessoal



Bombardeio israelense atinge arredores do Aeroporto Internacional Rafic Hariri em Beirute

números de ajuda aqui (no Líbano), eu acho que para quem está se deslocando de algum lugar para outro, mas só foi isso, e pelo jeito também não vão vir. Não sei o que eles estão esperando para tirar a gente daqui”, reclamou.

A irmã de Sara, Maya Melhem, que está no sul do Líbano, contou que aguarda a chegada de uma aeronave para deixar o país com a filha, de 3 anos. “Estamos esperando voo para evacuação, mas ninguém fez nada ainda, nem o governo. Ninguém está ajudando”, relatou. “Estamos passando horrores aqui e precisamos sair”, emendou.

Sobre o formulário citado por Sara, ela mencionou que chegou a preenchê-lo, mas que nada foi feito desde então. “Estamos em guerra total, não dá para ficar esperando as pesquisas”, frisou.

Sara disse ainda conhecer diversos outros brasileiros que estão em busca de uma forma de deixar o país. “A única coisa que o governo faz desde outubro do ano passado é pedir para preencher formulário. Nada mais foi feito. Eu moro no município de Dahye e, aqui, está sendo destruído, e tenho uma criança”, apontou. “O avião de guerra passa por nós. Não sabemos a hora que vamos ser atacados.”

## Operações

Outros países iniciaram a evacuação de seus cidadãos. A Colômbia, por exemplo, enviou um voo no fim de semana para buscar 114 cidadãos que completaram o processo de repatriação. O Reino Unido, por sua vez, anunciou na terça-feira passada que enviará 700 tropas para o Chipre, ilha próxima ao Líbano, para se preparar para uma possível evacuação de emergência de cidadãos britânicos, se necessário.

Os voos comerciais ainda estão disponíveis na região, mas diminuíram muito com a suspensão dos voos da companhia aérea Air France.

Em seu último compromisso na 79ª Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em Nova York, na quarta-feira que passou, o presidente Lula condenou o conflito entre Israel e Hezbollah no Líbano, mas não citou uma possível repatriação.

“É importante a gente lembrar que no Líbano o total de mortos é 620 pessoas. É o maior número de mortos desde a guerra civil que durou entre 1975 e 1990. É importante lembrar também que morreram 94 mulheres e 50 crianças, 2.058 pessoas feridas e 10 mil pessoas forçadas a recuar e esvaziar suas casas”, disse o petista em coletiva de imprensa. **Leia mais sobre a crise no Oriente Médio na página 9.**

## DIPLOMACIA

ADEK BERRY / AFP



Líder chinês entrega medalha à presidente do Banco do Brics

## Dilma recebe mais alta honraria de Xi Jinping

A ex-presidente Dilma Rousseff (PT) recebeu ontem a maior honraria do governo chinês concedida para estrangeiros, das mãos do presidente da China, Xi Jinping. A cerimônia ocorreu em Pequim, no Grande Salão do Povo, um dos prédios símbolo do regime comunista do país asiático.

A Medalha da Amizade, nome oficial da honraria, foi entregue à atual presidente do Novo Banco de Desenvolvimento — mais conhecido como Banco do Brics — em cerimônia de comemoração ao 75º aniversário da fundação da República Popular da China, que ocorre amanhã.

Dilma qualificou a homenagem como “uma honra extraordinária” e disse que as “notáveis conquistas que a China alcançou nas últimas quatro décadas” a tornaram um “farol de esperança e inspiração para o mundo”, durante discurso para centenas de pessoas que ocupavam o salão.

Além da “Medalha da Amizade”, que simboliza o reconhecimento a quem contribuiu para o desenvolvimento do país, outros dois tipos de honraria foram concedidas para outras 14 personalidades também homenageadas na cerimônia.

Dilma comanda a instituição financeira do grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul desde março do ano passado, após ter sido escolhida pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ficar no cargo até o fim do mandato brasileiro no banco, em julho de 2025. A sede fica num prédio em Xangai, onde a ex-presidente mora desde que assumiu a presidência da instituição.



ROBERTO BRANT

**SÓ VÊ A POLARIZAÇÃO DE 2018 E 2022 NAS CIDADES QUEM ACREDITA EM LENDA URBANA. EM ALGUMAS CIDADES DO SUL E DO CENTRO-OESTE, SIM, O CONFRONTO PT VS. BOLSONARO APARECE. MAS É MINORIA PARA CONFIRMAR A REGRA**

## A eleição da indiferença

Eleição municipal é um evento à parte. Não se conecta com as correntes de conflito no plano nacional. O que as afeta é o conflito local, entre oligarquias, Lira vs. Calheiros em Alagoas, por exemplo. O eleitor tem o olho na água, na pavimentação das ruas, na moradia, no posto de saúde, no esgoto a céu aberto. Polarização? Pode ter, mas não essa de que falam e que marcou as eleições presidenciais de 2018 e 2022.

São as rivalidades locais, muitas históricas de mais de século, que polarizam. Em Barbacena (MG), o ex-prefeito, Martin Francisco Borges de Andrada, do tradicional clã dos Andrada, polariza com o prefeito atual, Carlos Augusto Soares do Nascimento. Em Maceió, JHC (sic) o candidato de Arthur Lira, presidente da Câmara, vencerá no primeiro turno. Reeleição municipal é regra, a menos que o prefeito tenha feito muita besteira. Seu rival, é o candidato de Renan Calheiros.

Em São Paulo, não há polarização, Bolsonaro é uma biruta ao vento, não sabe se apoia o atual prefeito, Ricardo Nunes, ou o cacareco da vez, Pablo Marçal. Os que votaram em Bolsonaro se dividem entre os dois. Lula tem candidato, Boulos. É o PT que não está convencido.

Só vê a polarização de 2018 e 2022 nas cidades quem acredita em lenda urbana. Em algumas cidades do Sul e do Centro-Oeste, sim, o confronto PT vs. Bolsonaro aparece. Mas é minoria para confirmar a regra. Municipal é local, nacional é outra coisa. Em 82 municípios, o PL, suposto partido de Bolsonaro, está aliado ao PT partido que sempre foi de Lula. No Maranhão, há candidatos apoiados pelos dois em 22 municípios. É o campeão da conveniência política. No estado de São Paulo, PL e PT estão aliados em 12 cidades. Em Goiânia, Sandro Mabel, do União, está empatado com Adriana Accorsi, do PT. Mabel é o candidato do governador

Ronaldo Caiado, da mais antiga oligarquia goiana e tem o apoio do MDB, seu histórico rival. O candidato do PL não tem chance. Nem o do PSDB, do ex-governador Marconi Perillo. Bolsonaro foi a Goiânia e disse que Caiado foi covarde na pandemia, porque seguiu a ciência e não a ele Bolsonaro. Em Belo Horizonte, a eleição está embolada. Mas o candidato de Bolsonaro, Bruno Engler, está em terceiro lugar nas pesquisas e o candidato do PT, Rogério Correia, em quinto, de acordo com a pesquisa Quaest. Os favoritos nada têm a ver com a polarização de 2022, Tramonte, do Republicanos e o atual prefeito, Fuad, do PSD. No Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD) ruma para vencer no primeiro turno pelo caminho do meio, com o apoio de Lula. Parte do PT, ligada à Gleisi Hoffmann, apoia o candidato do PSol, Tarcísio Mota. O favorito de Bolsonaro, Ramagem, que só sabe falar — e mal — de segurança, até tenta polarizar. Mas

ninguém fora da bolha extremista parece levá-lo muito a sério.

O longo parágrafo acima, mostra um pouco da geleia geral que virou a política brasileira com o acaso dos partidos tradicionais. O MDB murcho. O PSDB caminha para a extinção. O DEM, ex-PFL, extinguiu-se metido no invertebrado União. O PT enfrenta perplexo o depois de Lula. Não deve ser surpresa que, a seis dias das eleições, sejam tantos os eleitores Indecisos. Perguntei a Felipe Nunes, da Quaest, qual era a média dos que não têm candidatos nas resposta espontâneas nas cidades que pesquisou. É quando o entrevistado é perguntado se tem candidato e qual é ele. A média, a uma semana da eleição é 52%. Nas 26 capitais pesquisadas pela Quaest, segundo *O Globo* do último sábado, sete delas têm 50% ou mais de indecisos e 14 têm 45% ou mais de pessoas sem candidato.

Das que têm candidato, a maioria ainda pode mudar. Em São Paulo, por

exemplo, o percentual de eleitores que não estão comprometidos com sua escolha é de 53% dos que dizem preferir Guilherme Boulos que, de qualquer maneira, tem 36% de comprometidos. Para o prefeito Ricardo Nunes, o percentual de não comprometidos é de 84%. São dados do Datafolha, mostrados pela *Folha de S.Paulo* no sábado. Só 37% têm muita vontade de votar este ano. Em seis capitais, o prefeito não pode ser reeleito. Nas 20 restantes, o prefeito lidera nas pesquisas Quaest em 14, indicando a chance de reeleição em 70% das capitais.

A impressão que tenho é que o uso da mentira e da linguagem do ódio que fizeram a cabeça de muito eleitor nas últimas eleições, agora desencanta a maioria e apenas produz celebridades canhestas e efêmeras. Pode ser efeito da proximidade do eleitor local com problemas concretos que não cabem na bestialidade desse discurso negativista.